

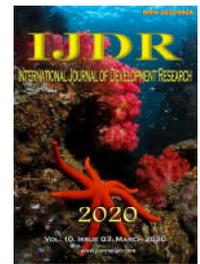


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 10, Issue, 03, pp. 34862-34867, March, 2020



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AS NARRATIVAS ORAIS E O LETRAMENTO NO REGISTRO DE UM ESCUTADOR DE HISTÓRIAS

***Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira**

Mestra em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, professora de Língua Portuguesa SEDUC-PE

ARTICLE INFO

Article History:

Received 09th December, 2019
Received in revised form
24th January, 2020
Accepted 11th February, 2020
Published online 31st March, 2020

Key Words:

Narrativas orais. Oralidade. Letramento.

*Corresponding author:

Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira,

ABSTRACT

Este artigo analisa as relações entre as narrativas orais e o texto escrito na perspectiva intercultural do letramento a partir do livro São Gonçalo do Mulungu – Cenário de Mitologia, Fé e Compromisso do autor Bertolino Alves Nascimento. Foi considerando os pressupostos culturais e de letramentos presentes nos relatos dos contadores de histórias e os indícios dessas práticas como provocação ao letramento dos escutadores, que houve apropriação dos discursos de Zumthor (1993/ 1997) refletindo sobre a voz na escrita, bem como de Vancina (1982) com a tradição oral, e também das contribuições de Street (2007) com as perspectivas interculturais sobre letramento. Numa abordagem qualitativa no viés da História Oral (THOMPSON, 1992) deu-se conta das ações realizadas pelo autor/escritor do livro a partir de uma entrevista narrativa, e numa análise interpretativa (SEVERINO, 2007) do livro em questão, onde foi situado o texto no contexto da vida e da obra do autor, bem como a participação de figurantes, se valendo apenas da oralidade, onde contam para o autor/escritor histórias sobre a origem da festa (São Gonçalo), com fatos marcantes do ano de 1938 sobre o messianismo (as romarias), as revoltas e insurreições no sertão nordestino. Nesse itinerário percebemos a imbricação da oralidade com a escrita onde as histórias na boca do povo passaram para o papel, contribuindo para o empoderamento desse povo, trazendo uma relevante contribuição para além do letramento, visto posto, que a luta de bravos remanescentes da comunidade de Maniçoba, com suas histórias fomentam a cultura local, e devem ser conhecida, reconhecida e admirada. O letramento nesse contexto foi afetado por cidadãos que de maneira autônoma registraram essas histórias através da produção de um livro independente, não recorreram às instituições formais, mas a um cidadão que tinha conhecimento das letras, provocando, assim, uma discussão sobre a imbricação da oralidade com a escrita.

Copyright © 2020, Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Sayonara Cordeiro de Marins Nogueira. 2020. "As narrativas orais e o letramento no registro de um escutador de histórias", *International Journal of Development Research*, 10, (03), 34862-34867.

INTRODUCTION

Este artigo faz uma análise do livro São Gonçalo do Mulungu – Cenário de Mitologia, Fé e Compromisso do autor Bertolino Alves Nascimento com relatos orais de pessoas idosas sobre a verdadeira data da festa de São Gonçalo em Maniçoba-BA, onde o escutador de histórias Bertolino, foi procurado por um morador insatisfeito com as informações que estavam sendo veiculadas por autoridades locais sobre a data dessa importante festa que não procediam. Assim, inicia a investigação daquele que foi procurado, por ser conhecedor das letras, e que deveria ouvir as histórias desse povo e registrá-las, não para essa gente que tem memória, mas para as autoridades que não dão vez e voz a esses bravos remanescentes. Deste modo, foi feita a análise de dados a partir da leitura do livro em questão mostrando a participação de figurantes, se valendo apenas da oralidade, onde contam para o autor histórias sobre a origem

da festa, contextualizando também com fatos marcantes no final dos anos 30, mais específico em 1938 sobre o messianismo (as romarias), as revoltas e insurreições no sertão nordestino, corroborando com estas informações à verdade definitiva sobre a referida data em questão. No início desse trabalho, foi feita algumas discussões referenciais sobre a literatura oral, para além da dicotomia oralidade x escrita, na pretensão de desenvolver nesse tópico de como as narrativas orais são importantes para a escrita, e quando estas sentem à necessidade do registro, sem que uma venha sobrepor à outra; e adentra na história da festa de São Gonçalo do Mulungu, uma festa que está na boca do povo contada pelos remanescentes desta localidade para o autor Bertolino Alves, dividindo-se em três partes: Contextualizando a Festa e as controvérsias; Os figurantes - a vez e a voz dos contadores das histórias e As romarias, insurreições e revoltas. Ainda em outro tópico vem o estudo do percurso metodológico e os resultados preliminares mostrando a importância da produção

de um livro, para além do letramento, como tática de fortalecimento de um povo e o desfecho com algumas considerações.

Literatura Oral – Para Além da dicotomia Oralidade X Escrita: Falar sobre a cultura da literatura oral e sua luta para manter a tradição oral numa sociedade escriturística é sem dúvida ir de encontro com os pensamentos ocidentais, que de maneira autoritária impõe a escrita ao jogo do poder. Não é questionada aqui a relevância da mesma, mas posiciono sobre o domínio que a ela é atribuída. A oralidade não é a ausência da escrita, bem como a escrita não transcreve apenas a nossa fala, há aí um envolvimento cultural, cada uma nasce e é fielmente preservada de acordo com as suas tradições. A fala veio antes para assim estabelecer uma comunicação entre os povos, bem como para preservar as suas culturas, têm-se exemplos em países no continente africano que comunidades ágrafas perpetuam sua cultura somente pela memória das suas gerações. Vancina (1981, p. 139) nas suas pesquisas nesse continente ressalva que “Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral¹.”

A literatura oral traz as narrativas como contribuição para a permanência dessa tradição. A partir do momento que as narrativas orais têm a necessidade do registro como processo salutar, a escrita também nesse momento, se coloca à disposição como recurso importante mantendo uma junção, sem que uma venha sobrepor à outra, as duas são relevantes para a cultura local. Ouvir histórias é encantador, por exemplo, as histórias de Sherazade, que encantava o rei, seu esposo, com maravilhosas histórias, tática² usada por ela para não ser morta, e assim duraram mil e uma noites somente de narrativas orais de aventuras de reis, de viagens fantásticas de heróis e de mistérios; Sendo essencialmente criações orais, não se sabe como As Mil e Uma Noites passaram da oralidade à escrita. Esse é o início da coletânea de histórias mais famosa de todos os tempos, segundo informações, é o livro mais citado no mundo³, depois da Bíblia. Jesus, o mestre dos mestres, contava suas histórias, através de parábolas, tática também usada por Ele, para tocar no coração de todos aqueles que o ouviam, bem como escapar das perseguições do rei Herodes Antipas. Estas parábolas que Jesus Cristo narrava só foram compiladas por seus evangelistas muito tempo depois da Sua Ascensão aos Céus.

Homero, contou em *Iliada*, em versos, a Guerra de Tróia, e em *Odisseia*, a fabulosa viagem de Ulisses. “A *Odisseia*, assim como a *Iliada*, é um poema elaborado ao longo de séculos de tradição oral, tendo tido sua forma fixada por escrito, provavelmente no fim do século VIII a.C.”⁴. As fábulas contadas por Esopo⁵ foram recriadas por escritores ao longo dos séculos, como Fedro e La Fontaine. As histórias que meu pai contava até hoje não as escrevi, trago-as na memória, e de vez em quando, no alpendre da nossa roça (Bom Sossego) ele

põe a contar suas histórias de menino, e de outros causos, que sei da grande importância de um dia registrá-las. Assim, a oralidade enraizada com tantas tradições, é dinâmica, tem sua magia, seu dom, suas táticas, e que pode, não apenas estar a serviço da escrita, mas conforme os pressupostos deste trabalho, descobrir que a escrita pode sim, servir à oralidade, visto posto, que as narrativas orais, existiram muito antes da escrita. Uma longa tradição de pensamento, é verdade, considera e valoriza a voz como portadora da linguagem, já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes (ZUMTHOR, 1993).

Ainda, Zumthor nos fala sobre a literatura oral com uma experiência francesa:

Foi por aí que se pôde demarcar, na poesia lírica cortês na França e na Alemanha, a presença latente de uma poesia diferente, talvez de origem muito mais antiga, mas da qual alguns exemplos só serão compilados por escrito na época moderna, após cinco, seis ou oito séculos de existência apenas oral. Mais discutivelmente, foram a firmeza e a perfeição formal das canções de Guilherme IX ou de Heinrich von Veldeke que levaram os medievalistas a supor para o modelo poético cortês antecedentes mantidos, talvez, por muito tempo sob um regime de pura oralidade. (1993, P. 45)

A voz consolidada na escrita é por sua vez garantia de permanência de uma história que escolheu ser marca registrada numa sociedade que por suas exigências prefere garantir suas memórias em memoriais para assim difundir-las por todos os cantos da cidade, pois o mesmo autor alerta que “O valor de uso da escrita se reduz na medida em que o manuscrito não pode ser um meio de difusão massivo” assim é necessário valorizar esse meio de comunicação tão importante para a humanidade. Busquemos também compreender que a unidade entre a oralidade e a escrita faz parte do contexto histórico de cada cultura. Ainda Zumthor ressalva que.

Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão) "a nossos olhos". Então, trata-se para nós de tentar ver a outra face desse texto-espelho, de raspar, ao menos, um pouco o estanho. (1993, P. 35)

Estabelece-se, então, nessa discussão, a ideia conforme as palavras de Louis-Jean Calvet⁶, que atualmente a passagem da cultura oral para a letrada é um processo inevitável, mas não deve ser de forma impositiva, mas de maneira natural.

História da Festa De São Gonçalo do Mulungu – Na boca do povo

Zumthor diz que o conto oferece à comunidade um terreno de experimentação em que, pela voz do contador, ela se exerce em todos os confrontos imagináveis, e acrescenta dizendo que esta sociedade precisa da voz de seus contadores, independentemente das situações concretas que vive (1993). Assim, Bertolino Alves, um morador da Comunidade do

¹ A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Jan Vancina (1981)

² Tática usada aqui na visão de Certeau como poder do mais fraco. “O fraco deve tirar partido das forças que lhe são estranhas.” 2012, p. 47.

³ Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/sherazade-mil-historias-434101.shtml>

⁴ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Odisseia>

⁵ O fabulista grego teria nascido no final do século VII a.C. Seus contos se disseminaram em muitas línguas pela tradição oral. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Esopo> - acesso em 17 de abril de 2014.

⁶ Citado em MATTE BRAUN, Ana Beatriz. Tradição oral e tradição escrita, de Louis-Jean Calvet. *Eletras*, vol. 23, n.23, dez. 2011.

Perímetro Irrigado de Maniçoba localizado em Juazeiro/BA, desejando oferecer aos habitantes e frequentadores deste lugar, informações precisas de como, quando e o porquê da realização da festa anual de São Gonçalo de Mulungu, antes vinculada ao Distrito de Itamotinga, atualmente Maniçoba, foi o interlocutor entre os que tinham ainda na memória tais informações e sem demora foi fazendo suas entrevistas e anotações. Para tanto, saiu à procura de vozes de pessoas já idosas que contassem as histórias sobre o surgimento desse evento, sendo este muito importante para a cultura local, para assim confrontar com o imaginável e o concreto, e desta maneira desenvolver um relato mais contundente da questão em foco.

Contextualizando a Festa e as controvérsias

A Festa de São Gonçalo⁷ é atualmente o segundo maior evento tradicional dessa região. É uma festa realizada anualmente na Comunidade de Mulungu em Maniçoba sempre no dia 24 de Janeiro, também no dia da comemoração da Padroeira Nossa Senhora da Paz⁸.

Porém, aos ouvidos do nosso autor, chegaram algumas reclamações relacionadas à origem e data dessa celebração. O mesmo foi procurado por um morador antigo dizendo que havia controvérsias em relação ao aniversário dessa festa. Para a Prefeitura Municipal de Juazeiro e a Diocese de Juazeiro na Bahia a mesma estaria naquele ano (2008) completando 74 anos de festa ininterruptos, porém anos anteriores foi divulgado por outros moradores que eram 103 anos. E estas informações foram contestadas por um figurante (pessoa que teve participação no início da festa quando criança), lamentou o fato de que nem as autoridades tinham a certeza da data certa do início dessa importante celebração. Não se conteve, indignado, não sabendo ler e escrever pediu a uma pessoa da comunidade para escrever uma carta endereçada ao Senhor Bispo Diocesano de Juazeiro relatando a veracidade dos fatos, para assim, corrigir o equívoco apresentado anteriormente. Mas não obteve resposta, deste modo, procurou o Senhor Bertolino, que de imediato interessou-se pelo assunto, e assim resolveu investigar a reclamação, e pôs a procurar pessoas que poderiam dar mais informações comprovando a versão daquele que lhe procurara. Sua intenção inicial foi de desenvolver um relato contundente e provar às autoridades e à comunidade a voz daquele que exigia ser ouvido.

Os figurantes - a vez e a voz dos contadores das histórias

Vancina (1981, p.140) ressalva que um documento escrito é um objeto: um manuscrito. Mas um documento oral pode ser definido de diversas maneiras, pois um indivíduo pode interromper seu testemunho, corrigir-se, recomeçar, etc. Partindo desse pressuposto o autor Bertolino, para fazer seu manuscrito, recorreu a um documento oral e montou sua tricheira, como ele mesmo explica:

⁷ Santo português que em vez de reza lhe oferecem rodas de dança, onde os dançarinos se organizam em duas fileiras, uma de homens e outra de mulheres, voltadas para o altar. Cada fileira é encabeçada por dois cantadores (viroleiros), guias e contraguias que dirigem todo o rito.

⁸ Apareceu sua imagem numa caixa bem lacrada na Vila do Mar do Sul de El Salvador, quando conseguiram abrir se depararam com a imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços e como na região havia uma guerra entre os habitantes, os povos inimigos ficaram sabendo da história da imagem, pararam imediatamente com as lutas e fizeram as pazes, entendendo que o fato tinha sido um sinal de Deus. Por isso a imagem ficou sendo chamada de NOSSA SENHORA DA PAZ.

O perfil de nossa trincheira atrai características de fortaleza e seus figurantes, ou seja, as pessoas que dela fizeram uso através de sua interação terão garantia plena de respeito, liberdade de expressão, compromisso de estabelecer um relacionamento digno, sem ódio e sem medo. (2012, p. 8)

Assim, manteve seus ouvidos abertos para ouvir as histórias de cada figurante, dando vez e voz a esses contadores. Iniciou com o Senhor João Nunes Nascimento, aquele que ficou contrariado com a Diocese por não lhe responder sua carta. O mesmo conta

O primeiro festejo se deu no ano de 1938 e nem foi na comunidade de Mulungu e sim no Recanto...o que se sabe é que a festa era em louvor de Nossa Senhora da Paz e era celebrada no sentido de que Ela, como mãe, pudesse rogar em favor da paz no Estado da Bahia...Aí em 39 não teve a festa; Rita de Seu Acácio sonhou que a festa não podia parar, era pra ser festejada todos os anos. Aí sim, as próximas já foram transferidas pra comunidade de Mulungu e em 1940 aconteceram dois dias de festa pra compensar a do ano que nem havia sido realizada.(2012, p.9)

Seu João ainda esclarece na sua história porque a festa ficou sendo comemorada na data oficial de 24 de Janeiro

“...foi logo assim que seus dirigentes soubera ser este, o dia em que os católicos comemoram Nossa Senhora da Paz. De lá pra cá permaneceu nesta data e só teve um ano que deixaram de fazer por causa de uma seca perigosa, mas no ano seguinte, fizeram dois dias de festa pra compensar a falta do ano anterior. Depois desta aí, nem mesma a seca fez sofrer ação de continuidade, pois me alembro que num outro ano de seca forte, o pessoal se deslocou pra beira do rio mas nem deixaram de fazer.”(2012, p.10)

O segundo figurante a ser ouvido e participante desta festa foi o Senhor Antonio Nunes Barbosa que contou

Quanto ao ano em que se iniciou o festejo, não sei detalhar com firmeza. Só sei dizer que antes desta data que o senhor se referiu não teria condições de ter acontecido e posso afirmar porque apesar de estar com somente três anos de idade, lembro-me muito bem que em 1933 estive de passagem aqui na região um padre bastante cortejado e identificado pelo povo de padrinho Conselheiro...Vinha a dura ordem de minha mãe: “ Ande, tome bênção de meu padim!”... Só sei dizer, até por conta de ouvir comentários das pessoas, que numa noite ele fazia sermão em uma casa, na noite seguinte, já era na residência de outra pessoa...mais isto era privilégio dos senhores com melhores condições de vida...”(p.12)

Segundo o Senhor Antonio este conselheiro chamado por Severino era defensor dos conceitos de Padre Cícero, e depois da sua visita, no ano 1937 receberam a visita de outro conselheiro, por nome de Abel, também seguidor de Padre Cícero, tendo como missão mobilizar pessoas para viajarem a Juazeiro do Norte, onde várias delas largaram suas casas, terras e seguiram esse conselheiro, porém, ainda de acordo com as histórias do Senhor Antonio, informações sigilosas davam conta de que o governo cearense havia enviado tropas

repressoras com a finalidade de liquidar todo o acampamento do conselheiro. E para seu entendimento a festa de janeiro está relacionada a este episódio, onde os coordenadores da festa formaram uma espécie de Irmandade. (p. 16)

Dona Maria Felipa dos Santos foi outra figurante, uma das últimas remanescentes de 1937, onde o escutador das histórias Bertolino teve muita cautela, pois esperava resistência por parte da mesma, mas não se confirmou, e pergunta a mesma

“O negócio é o seguinte: Uma criatura me procurou para organizar uma pesquisa falando sobre a festa de janeiro, em que ano começou, como se originou, etc, etc. Como uma história puxa a outra, eis que surge nesta conversa a vinda do conselheiro à região e com ele, diversos fatos se incorporando. Trataremos aqui daquelas famosas viagens a Juazeiro do Norte...Em que ano se deu essa viagem?” (p. 18/19)

Dona Maria se diz ter sido uma menina doente e sofrida, onde desconhece o que é dinheiro, não comprava, não vendia, nem fazia nenhum negócio, disse que na época das viagens do povo nas romarias para Juazeiro do Norte tinha de onze para doze anos. E acrescenta sobre o ano dessas viagens

“ Ah, meu filho, aí é onde a porca troce o rabo. Olhe não me pergunte nada de data porque num sei dizer. Escute só uma coisa, eu fui uma pessoa sofrida e isso foi desde menina. Pra começar num sei ler, nem sei escrever. Meus pais nem me botaram na escola, isso você sabe muito bem porque naquele tempo ninguém ligava pra nada, a não ser pro trabalho de casa e da roça, e pra mais nada dessa vida. Pra lhe dizer melhor, quer saber quando tirei o registro de nascimento? Quando fui me aposentar!” (p.19)

A peregrinação do senhor Bertolino continua, ainda vai atrás de mais figurantes para chegar à conclusão coerente da data. Mariano Manoel da Silva, disse que a festa já tinha 80 anos: “...Porque os velhos morrem e nós tomamos de conta e eu já estou com 64 anos e suponho que ela já tenha uns 80 anos que nós festeja.” Diz também os nomes de todos que coordenavam a festa, porém já falecidos, mas lembra que também não tem certeza da data, pois afirma: “ Em meu alcanço pra cá, conto assim por conto dos outros.”

Nessa conversa há uma intervenção do Senhor João Nunes, aquele que primeiro iniciou a história, divergindo com o senhor Mariano, o mesmo não se conteve e disse

“Pois é. Então me dê licença que agora eu vou contar a história. Que não conte toda, mas conte ao menos uma parte. Depois a gente vai se lembrando do resto e a gente vai se localizando. Essa festa de Nossa Senhora da Paz foi começada em 1938. Eu não sei o mês, e nem a conta do mês, mas sei que ela era festejada em uma época de tempo de colheita de roça. Aí aparecia farinha, aparecia batata pro café, aparecia rapadura, feijão, e a carne os irmãos..a irmandade juntava, e do jeito que localizava as outras coisas, davam a carne. Um trazia o bode, outro trazia uma banda, outro trazia...e aí fazia a festa.”(p.25)

Percebe-se nestas vozes as lembranças de um povo fervoroso em fê, onde dividiam tudo, partilhavam como comunidade, além de continuarem preservando essa tradição, de geração a geração, “é aquela história do pé de árvore maduro e os galhos,

as ramas...Né? Pois é.. Aí os pés de árvore maduros já viajaram que eram os cabeça da festa, entendeu? E ficou as ramas com os galhos, que é a família de cada um...e caminha a gente do mesmo jeito.” Nesta voz notamos a firmeza em manter viva a realização dessa grandiosa festa em honra a Nossa Senhora da Paz e ao santo homenageado São Gonçalo, que para esse povo, são sinais de santidade.

Nessas narrações orais, descobre-se que as memórias individual e coletiva⁹ desse povo, trazem uma confirmação das vozes dos figurantes quanto à origem da festa e sua data. Para Bertolino, que atento às histórias de cada um, ouvindo ainda mais outros figurantes que aqui não mencionei, chegou ao veredito, realmente aquele que não se continha com informações desconstruídas, queria além de manter viva a tradição daquela festa, o respeito aos fatos de que tudo tem uma origem, tem uma data a ser seguida. Diante dos fatos, com seu trabalho concluído, nada mais justo informar às autoridades e à comunidade que aquela peregrinação iria fazer naquele ano (2008) setenta anos de histórias (rezas, procissões, rodas, fê, irmandade) “que por anos a fio mobilizou de forma contundente moradores dos mais diversos sítios, fazendas, aglomerados e recentemente povoados e áreas distintas”. (2012, p.54)

As romarias, insurreições e revoltas

Neste tópico, apenas por esclarecimento, há algumas manifestações religiosas populares inseridas no contexto social próximo ao início da festa de São Gonçalo do Mulungu, tão bem coletadas pelo escutador das histórias Bertolino. Segundo suas pesquisas, os movimentos messiânicos que existem aqui no Brasil vêm do período colonial, sendo que aqui no sertão nordestino estes são mais marcantes. O mesmo cita que os messias ocupam uma posição de superioridade em relação aos fieis, sendo este o líder, que deve ser seguido. Lembra o Movimento de Canudos, onde Antônio Vicente Maciel, conhecido por Antônio Conselheiro, foi o protagonista da revolta de Canudos, no sertão baiano; No ceará, em Juazeiro do Norte, romeiros partiam de todo lugar do Nordeste em romaria para ver Padre Cícero Romão Batista, um messias conhecido por “Padim Ciço”. Segundo Dona Josefa Bernaldo, uma figurante da história de Mulungu nos revela:

“ O que meu pai não se cansava de dizer era sobre as previsões dos fatos que iriam acontecer no futuro. Tais previsões eram relatadas tanto pelo Padim Ciço, quanto pelo Conselheiro...Eles já previam que o Rio São Francisco iria virar poço e suas águas iriam rolar no meio da mata...e que também iria surgir um cavalo de duas pernas de um só rastro e olho de fogo, e este iria matar muita gente e o povo tomasse cuidado...Imagine só, aquilo que antes era motivo de desespero e confusão por não entendermos o seu significado, hoje é realidade”.(p.36)

Na mesma época o beato José Lourenço fundou sua comunidade na serra do Araripe, o mesmo era analfabeto, os conhecimentos que possuía foram adquiridos com o Padre Cícero Romão. Embora pacífica a sua comunidade, alguns dos seus seguidores como o beato Severino Tavares, pregavam a luta armada e resistiam, assim a comunidade foi destruída, era vista como um embrião do comunismo, segundo relato do

⁹ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2. Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

nosso contador, mais de mil camponeses foram mortos. Depois de Padre Cícero, Frei Damião se tornara o maior líder religioso, conseguindo arrebatar muitos peregrinos na região mais seca do sertão pernambucano, cearense e baiano, chamado de “polígono das secas”. Foi acusado de fanatizar o povo, o que levou o Bispo de Crato a proibi-lo de pregar em algumas Dioceses do Ceará. (p. 43) Segundo Bertolino, “ o nordeste foi e é o maior celeiro de ideologias e revoltas de que se tem notícias” e acrescenta, “povo oprimido é pólvora, com fome é dinamite, é isso que representa a raça nordestina, gana de luta e vanguarda dos pensamentos libertários.”(p.47) O mesmo orgulha-se quando afirma que o sertão é de gente valente, de revoltas e insurreições. “Somos sim um povo orgulhoso de ser contestador, brigador, um povo que não baixa a cabeça, como disse o poeta, do cabo da minha enxada não conheço coroné.”(p. 52)

Percursos metodológico e os resultados preliminares

Numa abordagem qualitativa no viés da História Oral (THOMPSON,1992) deu-se conta das ações realizadas pelo autor/escritor do livro a partir de uma entrevista narrativa, e numa análise interpretativa (SEVERINO, 2007) do livro em questão, onde foi situado o texto no contexto da vida e da obra do autor, bem como a participação de figurantes, se valendo apenas da oralidade, onde contam para o autor/escritor histórias sobre a origem da festa (São Gonçalo), com fatos marcantes do ano de 1938 sobre o messianismo (as romarias), as revoltas e insurreições no sertão nordestino. A princípio esta abordagem tensiona uma investigação que demanda ouvir, observar, descrever e interpretar as valiosas contribuições de sujeitos que ficam à margem da exclusão, mas que encontram no outro e para o outro o como saber conviver nas diversidades locais, forjando lutas através de movimentos e representações. Assim, a pesquisa qualitativa segundo Bogdan (1999) compreende o objeto de estudo, e esse entendimento é para além de números e estatísticas.

A investigação qualitativa sugere uma metodologia que mostre uma relação específica dessa abordagem, nesse sentido, a História Oral de vida deu conta das ações realizadas pelo sujeito aqui compreendido, o Senhor Bertolino, através das narrativas por ele contadas no livro analisado. De acordo com Thompson (1992, p. 26), a História Oral deve ter um julgamento imparcial, “as testemunhas podem ser convocadas entre as classes subalternas, os desprestigiados e os derrotados”. E assim, Seu Bertolino o fez. O escutador de histórias Bertolino que teve a missão grandiosa de colocar no papel e transcrever o dito para o escrito com todo o cuidado, sendo o escritor, prometera aos seus figurantes entregar os rascunhos, sendo que estes dispensaram, pois confiavam na sua pessoa idônea, que saberia escutar e escrever sem uma vírgula ou um ponto aumentar, para assim, já que suas vozes não eram ouvidas, pudessem as letras num papel falar, e provar o que estava sendo contestado. Diante disso, este povo percebe a importância das práticas sociais da escrita como forma de autonomia, busca de certa maneira registrar estas histórias, se apoderando do letramento, surgindo a princípio a ideia de escrever uma carta, mas transpôs barreiras e a necessidade de produzir um livro (num minúsculo, porém significativo, documentário sintético) de autoria independente, dar-se nos trilhos da coerência promovendo o fortalecimento da fé e dos bons costumes. Street (2007) nas perspectivas interculturais do letramento traz grandes contribuições para este estudo, propondo “um outro” conhecimento, num processo de

construção que nasce desse povo. O autor prefere trabalhar com base no que ele mesmo chama de “modelo ideológico” de letramento, o qual reconhece uma multiplicidade de letramentos; “que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras” (p. 466). Busca assim, estabelecer uma opinião contrária do “modelo universal”, único e ocidental, que estabelece padrões de letramento funcional. Diante das análises aqui neste artigo, ficou evidente que os participantes foram empoderados através do modelo ideológico de letramento, onde se fortaleceram através da interação com a escrita. Ainda, Street dar sua opinião quanto ao impacto que causa o letramento na vida das pessoas, quando afirma “que precisamos assumir uma visão menos paternalista e menos estreitamente pedagógica do processo” usa os autores Kulick e Stroud, para confirmar sua opinião: “em vez de sublinhar como o letramento afeta as pessoas, queremos mudar de lado e examinar como as pessoas afetam o letramento”.

Vale salientar que Street busca sair de um quadro já elaborado do letramento, não devendo mais nos o apego às pesquisas que investigam apenas o que o letramento está fazendo com as pessoas numa educação formal, mas como as pessoas estão fazendo uso desse letramento como sujeitos ativos desse processo. Nesse contexto, os bravos remanescentes de um audacioso grupo que se firmou nessa região (Maniçoba/BA), visaram segundo nosso escutador e escritor Bertolino, entre outros objetivos, “a busca de sua autonomia, distanciando-se do aparelhamento vicioso das estatais.” Nesse itinerário percebemos a imbricação da oralidade com a escrita onde as histórias na boca do povo perpassaram para o papel, contribuindo para o empoderamento desse povo, trazendo uma relevante contribuição para além do letramento, visto posto, que a luta de bravos remanescentes da comunidade de Maniçoba, com suas histórias fomentam a cultura local, e devem ser conhecida, reconhecida e admirada.

Considerações - Um desfecho que continua

Este artigo deu início as primeiras análises sobre o cenário de mitologia, fé e compromisso, que é a Festa de São Gonçalo do Mulungu em Maniçoba/ Juazeiro-BA, que anualmente é festejada juntamente com a padroeira Nossa Senhora da Paz, festa esta, enraizada de histórias que fomentam essa localidade, e que um simples agricultor, locutor, conhecedor das letras, teve a sensibilidade e a iniciativa de ouvir e registrar todo o enredo em volta dessa festa. A voz se configura nas letras, as letras por sua vez se misturam com a voz, não se sabe exatamente o momento em que uma deixa de ser para ser a outra. Sendo este processo motivo desse estudo, provocar uma discussão sobre a imbricação da oralidade com a escrita, bem como as histórias na boca do povo que perpassam para o papel contribuindo com o seu empoderamento, trazendo uma relevante contribuição para além do letramento, este visto fora dos muros escolares, mas explorado nas veredas dos movimentos que trilham novas pegadas. O letramento nesse contexto foi afetado por cidadãos que de maneira autônoma registraram essas histórias através da produção de um livro independente, não recorreram às instituições formais, mas a um cidadão que tinha conhecimento das letras, provocando, assim, uma discussão sobre a imbricação da oralidade com a escrita.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2. Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

MATTE BRAUN, Ana Beatriz. *Tradição oral e tradição escrita*, de Louis-Jean Calvet. *Eletras*, vol. 23, n.23, dez. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STREET, Brian. *Perspectivas Interculturais sobre o Letramento*. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, 2007, p. 465 – 484

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VANSINA, Jan. *A Tradição Oral e sua Metodologia*. In: *História Geral da África*. São Paulo: Ática; Paris, UNESCO, 1982. v. 1: Metodologia e pré-história da África.

ZUMTHOR, Paul, 1915. *A letra e a voz: A "literatura" medieval*/Paul Zumthor; tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. - São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
